



coreografia: RODRIGO PEDERNEIRAS

música: GILBERTO GIL

cenografia: PAULO PEDERNEIRAS

figurino: FREUSA ZECHMEISTER

iluminação: PAULO PEDERNEIRAS e GABRIEL PEDERNEIRAS

Como em todas as criações do coreógrafo Rodrigo Pederneiras, os movimentos do novo balé, **GIL**, nasceram da música. Mas a trilha engendrada por Gilberto Gil para o novo espetáculo do GRUPO CORPO, a convite do diretor artístico Paulo Pederneiras, chegou trazendo um paradoxal desafio ao coreógrafo: ali estavam, juntos e indissociáveis, o conhecido e amado Gilberto Gil... e um compositor inteiramente novo. “Era um Gil que eu não conhecia e, ao mesmo tempo, o Gil de quem sou tiete desde que ouvi sua música pela primeira vez”, diz Rodrigo. A solução do paradoxo – fenomenal síntese – sobe à cena a partir de 7 de agosto, estreia nacional do novo espetáculo no Teatro Alfa, em São Paulo, seguindo para Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

A fagulha inicial para erguer a coreografia veio, então, de fora da música – um gesto inicial, buscado no candomblé. “Gil é filho de Xangô e usei como ponto de partida o movimento associado à presença do orixá: uma das mãos do bailarino bate no peito e a outra, nas costas”, conta o coreógrafo. “E assim o balé começou a se construir”.

A “riquíssima trilha”, nas palavras de Rodrigo, se traduziu nos duos, trios e conjuntos que se alinham e desarmam, nos uníssonos e contrapontos gestuais, peças sempre renovadas do

GRUPO CORPO

vocabulário marcante do coreógrafo. Mas **GIL** não tem o clássico momento do *pas-de-deux*, “A trilha não traz o tradicional adágio, a parte mais lenta da música, onde frequentemente está o *pas-de-deux*”. Curiosamente, a única criação de Rodrigo que também não tem o clássico dueto é SETE OU OITO PEÇAS PARA UM BALLET, o programa complementar.

As muitas singularidades de **GIL**, a bem da verdade, já haviam começado na proposta de Paulo Pederneiras ao compositor. “Gil sempre esteve no nosso radar”, diz o diretor artístico. “Na primeira conversa, já me veio a ideia de sugerir que a coreografia se chamasse **GIL**. Normalmente o músico tem liberdade total – e agora não foi diferente – mas a sugestão que se debruçasse sobre a própria obra se consolidou naquele momento. E **GIL** se inscreve, então, entre os compositores que dão nome a coreografias do GRUPO CORPO - já tínhamos feito essa homenagem a *Bach, Nazareth e Lecuona*”.

A MÚSICA

“Recebi o convite do Grupo Corpo com alegria mas também com certa preocupação na medida em que a ideia era a de denominar a peça **GIL**, concentrar a criação no trabalho, que tem muitas influências baianas, do samba, da música pop em geral” conta o compositor, que enxerga no arco da trilha de 40 minutos quatro temáticas, ou ambientes musicais – a de um choro instrumental; uma abordagem camerística (com inspiração “em Brahms ou Satie”, aponta ele); um terceiro momento de liberdade improvisadora e, finalmente, uma construção abstrata baseada em figuras geométricas. “Círculo, triângulo, retângulo, pentágono, a volta ao círculo e finalmente a dissolução numa linha reta”, explica Gilberto Gil.

Assim, a trilha de **GIL** também foge do habitual encaminhamento para o fim: “em vez de um ápice, temos quase um *fade out*, um ralentando”, descreve Rodrigo. O fechamento da trilha traz ainda um poema concreto recitado por Gil, onde as cinco letras de **CORPO** se desdobram em CRAVO, CEDRO, FLORA, PALCO, PERNA, BRAÇO, PEDRA.

Pontuam os 40 minutos da trilha frases de canções de Gilberto Gil - retrabalhadas, mas perfeitamente reconhecíveis nas suas variações. Ali estão fragmentos de *Aquele Abraço, Realce, Tempo Rei, Andar com Fé, Toda Menina Baiana, Sítio do Picapau Amarelo, Raça Humana*. Nos arranjos, se alternam os tambores ancestrais e as distorções do aparato eletrônico; o afoxé e o naipe de sopros de pegada jazzística; a modinha e o berimbau. As citações bailam entre si, entrecruzando-se e dialogando enquanto o arco da trilha avança. “Com a divisão em quatro segmentos, atendemos à alternância entre movimentos mais densos, mais rítmicos, e momentos mais suaves, mais baladísticos. Ouvindo o resultado final, percebo que há muitos elementos da minha dimensão rítmica mesmo, elementos da Bahia, da música afro-baiana”, conclui o compositor.

CENÁRIO, LUZ E FIGURINOS

“Gil é uma figura luminosa, plural - e qualquer corte, qualquer tentativa de definição é redutora”, pondera o diretor artístico Paulo Pederneiras, que assina o cenário e divide a concepção da iluminação com Gabriel Pederneiras. “A imagem é a de um tapete - de 20m de altura por 12m de largura - que desce do urdimento até a boca de cena, em fundo infinito; um linóleo de um amarelo aberto, sólido”. Na iluminação, Paulo buscou um novo recurso: “mergulhamos num universo completamente novo usando *moving lights*, equipamento comumente usado em shows musicais. Haverá também, por assim dizer, contradança de bailarinos e as luzes, sempre brancas”.

Os bailarinos estão vestidos de uma “brasilidade moderna”, na definição de Paulo. Os figurinos criados por Freusa Zechmeister – malhas inteiriças - têm base negra onde estão aplicados recortes multicoloridos extraídos da/inspirados na criação da artista plástica Joana Lira. São flores, listras, triângulos, grafismos - “tudo a ver com o Brasil, com a África. E com a alegria”, encerra o diretor artístico.

Duração: 40 minutos
